

BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

MAX WEBER

Ensaaios de Sociologia

Organização e Introdução:
H.H. Gerth e C. Wright Mills

Quinta edição

Tradução:
Waltensir Dutra

Revisão Técnica:
Prof. Fernando Henrique Cardoso

Max Weber — *Ensaaios de sociologia*. Org. e introd. H. H. Gerth e C. Wright Mills; 5.^a ed., trad. (da 6.^a impr. Galaxy Book, 1963) Waltensir Dutra, rev. técn. Fernando Henrique Cardoso, Rio de Janeiro: LTC, 1982, 530 pp. (Biblioteca de Ciências Sociais). (1.^a ed. Rio de Janeiro: LTC, 1967). — *From Max Weber: Essays in Sociology* (Translated, Edited and with an Introduction by H. H. Gerth and C. Wright Mills), [1st impr.] [Oxford] Oxford University Press, 1946.

Introdução -- O homem e sua obra; III -- Orientações intelectuais; 5 -- Estruturas sociais e tipos de capitalismo, pp. 84-89.

LTC
EDITORA

ÍNDICE

Prefácio	9
--------------------	---

INTRODUÇÃO: O HOMEM E SUA OBRA

I. Escorço Biográfico	15
II. Preocupações Políticas	47
III. Orientações Intelectuais	62
1. MARX E WEBER	64
2. BUROCRACIA E CARISMA: UMA FILOSOFIA DA HISTÓRIA	68
3. MÉTODOS DA CIÊNCIA SOCIAL	73
4. A SOCIOLOGIA DAS IDÉIAS E INTERESSES	80
5. ESTRUTURAS SOCIAIS E TIPOS DE CAPITALISMO	84
6. AS CONDIÇÕES DE LIBERDADE E A IMAGEM DO HOMEM	89

PARTE I: CIÊNCIA E POLÍTICA

IV. A Política como Vocação	97
V. A Ciência como Vocação	154

PARTE II: PODER

VI. Estruturas do Poder	187
1. O PRESTÍGIO E O PODER DAS "GRANDES POTÊNCIAS"	187
2. AS BASES ECONÔMICAS DO "IMPERIALISMO"	190
3. A NAÇÃO	201
VII. Classe, Estamento, Partido	211
1. O PODER DETERMINADO ECONOMICAMENTE E A ORDEM SOCIAL	211
2. DETERMINAÇÃO DA SITUAÇÃO DE CLASSE PELA SITUAÇÃO DE MERCADO	212
3. AÇÃO COMUNITÁRIA DECORRENTE DO INTERESSE DE CLASSE	214

Título original:

From Max Weber: Essays in Sociology

(Translated, Edited and with an Introduction by

H.H. Gerth and C. Wright Mills)

Publicado em 1946 pela Oxford University Press, Inc.

Traduzido da sexta impressão (*Galaxy Book*), 1963.

Copyright © Oxford University Press, Inc., 1946.

Edições brasileiras: 1967, 1971, 1974, 1979

Direitos exclusivos para a língua portuguesa

Copyright © 1982 by

LTC — Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.

Travessa do Ouvidor, 11

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20040-040

Reservados todos os direitos. É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia ou outros), sem permissão expressa da Editora.

4. TIPOS DE "LUTA DE CLASSE"	216
5. A HONRA ESTAMENTAL	218
6. GARANTIAS DA ORGANIZAÇÃO ESTAMENTAL	219
7. SEGREGAÇÃO "ÉTNICA" E "CASTA"	221
8. PRIVILÉGIOS ESTAMENTAIS	223
9. CONDIÇÕES E EFEITOS ECONÔMICOS DA ORGANIZAÇÃO ESTAMENTAL	224
10. PARTIDOS	227
VIII. Burocracia	229
1. CARACTERÍSTICAS DA BUROCRACIA	229
2. A POSIÇÃO DO FUNCIONÁRIO	232
3. PRESSUPOSTOS E CAUSAS DA BUROCRACIA	238
4. DESENVOLVIMENTO QUANTITATIVO DAS TAREFAS ADMINISTRATIVAS	243
5. MODIFICAÇÕES QUALITATIVAS DAS TAREFAS ADMINISTRATIVAS	246
6. VANTAGENS TÉCNICAS DA ORGANIZAÇÃO BUROCRÁTICA	249
7. BUROCRACIA E DIREITO	251
8. A CONCENTRAÇÃO DOS MEIOS DE ADMINISTRAÇÃO	257
9. O NIVELAMENTO DAS DIFERENÇAS SOCIAIS	260
10. CARÁTER PERMANENTE DA MÁQUINA BUROCRÁTICA	264
11. CONSEQUÊNCIAS ECONÔMICAS E SOCIAIS DA BUROCRACIA	266
12. A POSIÇÃO DE PODER DA BUROCRACIA	268
13. ESTÁGIOS NO DESENVOLVIMENTO DA BUROCRACIA	272
14. A "RACIONALIZAÇÃO" DA EDUCAÇÃO E TREINAMENTO	277
IX. A Sociologia da Autoridade Carismática	283
1. O CARÁTER GERAL DO CARISMA	283
2. BASES E INSTABILIDADE DA AUTORIDADE CARISMÁTICA	287
3. REINADO CARISMÁTICO	289
X. O Significado da Disciplina	292
1. AS ORIGENS DA DISCIPLINA NA GUERRA	294
2. A DISCIPLINA DAS ORGANIZAÇÕES ECONÔMICAS EM GRANDE ESCALA	301
3. DISCIPLINA E CARISMA	302

PARTE III: RELIGIAO

XI. A Psicologia Social das Religiões Mundiais	309
XII. As Seitas Protestantes e o Espírito do Capitalismo	347

XIII. Rejeições Religiosas do Mundo e Suas Direções	371
1. MOTIVOS PARA A REJEIÇÃO DO MUNDO: O SIGNIFICADO DE SUA CONSTRUÇÃO RACIONAL	371
2. TIPOLOGIA DO ASCETISMO E DO MISTICISMO	373
3. DIREÇÕES DA RENÚNCIA AO MUNDO	375
4. A ESFERA ECONÔMICA	379
5. A ESFERA POLÍTICA	382
6. A ESFERA ESTÉTICA	390
7. A ESFERA ERÓTICA	393
8. A ESFERA INTELECTUAL	400
9. AS TRÊS FORMAS DA TEODICÉIA	408

PARTE IV: ESTRUTURAS SOCIAIS

XIV. Capitalismo e Sociedade Rural na Alemanha	413
XV. O Caráter Nacional e os "Junkers"	438
XVI. Índia: O Brâmane e as Castas	449
1. CASTA E TRIBO	451
2. CASTA E CORPORAÇÃO	453
3. CASTA E ESTAMENTO	459
4. A ORDEM DE CLASSIFICAÇÃO SOCIAL DAS CASTAS EM GERAL	464
5. CASTAS E TRADICIONALISMO	466
XVII. Os Letrados Chineses	471
1. CONFÚCIO	476
2. A EVOLUÇÃO DO SISTEMA DE EXAMES	478
3. POSIÇÃO TIPOLOGICA DA EDUCAÇÃO CONFUCIANA	482
4. A HONRA ESTAMENTAL DOS LETRADOS	491
5. O IDEAL DO CAVALHEIRO	493
6. O PRESTÍGIO DO FUNCIONALISMO	495
7. OPINIÕES SOBRE POLÍTICA ECONÔMICA	497
8. SULTANISMO E EUNUCOS COMO ADVERSÁRIOS POLÍTICOS DOS LETRADOS	499
Notas	503

A corrente principal do cristianismo é, assim, vista como uma continuidade da profecia hebraica. Os profetas do judaísmo antigo são caracterizados como demagogos ativos, que pelo poder da palavra visavam ao domínio do curso dos acontecimentos históricos. O clero não era bastante forte para eliminar efetivamente esses demagogos religiosos indicados por si mesmos.

Weber, em sua Sociologia do conhecimento, não se interessava exclusivamente por essas imagens mundiais. Interessava-se também por muitas ideologias particulares, que considerava como noções capazes de justificar e motivar camadas materialmente interessadas.

Eis alguns exemplos: a aceitação da propaganda religiosa das Cruzadas está ligada às aspirações imperialistas dos senhores feudais, que se interessavam em assegurar feudos para os seus descendentes. Outras camadas, decerto, evidenciavam outros motivos. O aparecimento e difusão da ordem dos monges mendicantes, ou franciscanos, estão ligados aos interesses dos líderes do poder secular em explorar-lhes as habilidades como professores não-remunerados ou como demagogos urbanos que, durante as crises, podiam domesticar as massas urbanas. Se esses monges mendicantes teriam, ou não, sobrevivido contra a oposição do Papa e do clero, se não dispusessem de tais habilidades, é questão aberta. A mesma situação se aplica à ordem jesuíta, depois que o Papa a colocou fora da lei e Frederico o Grande lhe proporcionou asilo na Prússia. A defesa do valor intrínseco de uma determinada linguagem está, freqüentemente, associada aos interesses materiais dos editores pelo nacionalismo. As ordens das burocracias modernas assumem a forma de "regras gerais", ao invés de "decretos particulares", como se pode ver em conexão com sua tendência racionalizante geral. Quando Weber trata dos problemas políticos, parece usar este modo de interpretação de idéias como simples justificações. Quando trata de problemas religiosos, é mais provável que ressalte o conceito de "afinidade eletiva".

5. ESTRUTURAS SOCIAIS E TIPOS DE CAPITALISMO

A visão pragmática das idéias, que Max Weber partilha com Karl Marx e John Dewey, está associada à refutação da tradição hegeliana. Weber rejeita, assim, concepções como "caráter nacional" e "espírito popular" que impregnaram a historiografia

alemã e que, no pensamento conservador, serviram como instrumentos de interpretação. Constrói a dinâmica social em termos de uma análise pluralista dos fatores, que podem ser isolados e medidos em termos de seus respectivos pesos causais. Assim o faz pela análise comparada de unidades comparáveis, que se encontram em diferentes ambientes culturais.

Isto não significa que ele não tenha concepções totais das estruturas sociais. Pelo contrário, quanto mais Weber se aproxima da análise da era contemporânea, tanto mais pronto se mostra a falar do capitalismo como uma unidade. A unidade é vista como uma configuração de instituições, que pela lógica de suas próprias exigências limita cada vez mais o alcance das escolhas efetivas abertas aos homens.

Para Weber, uma unidade, como o capitalismo, não é um todo indistinto a ser equiparado a "um instinto aquisitivo" ou à "sociedade pecuniária". É antes, tal como para Marx e Sorel, uma escala de tipos, cada qual com características institucionais peculiares. Quanto mais Weber recua historicamente, tanto mais se inclina a ver o capitalismo como uma característica de uma situação histórica; quanto mais se aproxima do moderno capitalismo industrial, tanto mais se dispõe a vê-lo como um elemento penetrante e unificador. O alto capitalismo absorve outras instituições em sua própria imagem, e o padrão institucional entrecruzado dá lugar a um quadro de forças paralelas que seguem no mesmo sentido, ou seja, para a racionalização de todas as esferas de vida. Numa construção cada vez mais unilinear da História, podemos discernir uma concepção sublimada da noção liberal de "progresso".

De conformidade com o pensamento liberal, que se interessa por separar a Política e a Economia, Weber distingue entre dois tipos básicos de capitalismo: "capitalismo político" e "capitalismo industrial moderno", ou "burguês".* O capitalismo, decerto, só pode aparecer quando no mínimo o início de uma economia monetária existe.

* "Em minha opinião Sombart caracterizou, sob aspectos importantes, o que devemos compreender como época do capitalismo inicial. Não há conceitos históricos "definitivos". Não partilho da validade de autores contemporâneos que se comportam, frente a uma terminologia usada por terceiros, como se ela fosse uma escova de dentes do autor." *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*, 1906, p. 348.

No *capitalismo político*, as oportunidades de lucro dependem do preparo e exploração da guerra, conquista e do poder prerrogativo da administração política. Dentro desse tipo se classificam o capitalismo imperialista, o colonial, aventureiro ou predatório, e o fiscal. Além disso, para localizar a situação marginal peculiar dos grupos comerciantes, Weber fala do capitalismo dos *párias*. Esse conceito é aplicado aos judeus ocidentais, desde a Antigüidade remota até o presente, e aos parses, na Índia. Embora funcionalmente indispensável por motivos de formação étnica e religiosa, essas camadas são socialmente segregadas e reduzidas ao *status* de párias. Por capitalismo *imperialista*, Weber se refere a uma situação na qual os interesses de lucro são os que determinam o ritmo, ou são os beneficiários, da expansão política. Os maiores exemplos são os Impérios Romano e Britânico, e o imperialismo competitivo da época presente. O capitalismo *colonial*, intimamente ligado ao imperialismo político, refere-se aos capitalistas que lucram com a exploração comercial de prerrogativas políticas sobre os territórios conquistados. Tais prerrogativas incluem monopólios comerciais, assegurados politicamente, privilégios de transporte, a aquisição e a exploração de terras, politicamente determinadas, bem como o trabalho compulsório. O capitalismo *aventureiro* refere-se a incursões carismaticamente realizadas contra países estrangeiros, em busca de tesouros, que podiam ser arrancados dos templos, túmulos, minas, ou dos cofres dos príncipes conquistados, ou podiam ser obtidos como tributos sobre ornamentos e jóias da população. O período heróico da conquista do Hemisfério Ocidental pelos espanhóis, as empresas de além-mar das cidades-Estados italianas durante a Idade Média, a Liga Hanseática e os aventureiros mercadores da Inglaterra são exemplos históricos destacados. Embora o capitalismo aventureiro ressalte a natureza esporádica e carismática dessas operações, a expressão capitalismo *predatório* ressalta os objetivos buscados.

Em certos contextos, Weber empenha-se em distinguir o capitalista extraordinário das atividades rotineiras do empresário cotidiano; no primeiro caso, ele fala dos capitalistas carismáticos como "super-homens econômicos". Tais figuras surgiram em muitos contextos históricos: no novo império do Egito antigo, na velha China, Índia, na Antigüidade ocidental, no apagar da Idade Média, bem como na América do século XIX. Os Fugger e Rockefeller, Mellon e Cecil Rhodes são exemplos. A

diferença entre esses capitalistas carismáticos e os capitalistas "burgueses sóbrios" tem sido freqüentemente ignorada nas controvérsias sobre o problema da ética protestante e sua relevância causal para a ascensão do "capitalismo moderno".²⁰

O capitalismo *fiscal*, tal como Weber o entende, refere-se a certas oportunidades de lucro proporcionadas pela exploração das prerrogativas políticas. O fenômeno mais importante desse tipo é a atribuição da coleta de impostos a empresas privadas, comum na Roma antiga e no *ancien régime* na França. A liberação da venda de indulgência aos mercadores italianos como compensações pelos seus empréstimos ao Vaticano; a organização empresarial das forças militares e navais pelos *condottieri*; a liberação do direito de cunhar moeda aos empresários privados, como Jacob Fugger, são outros exemplos.

Esses tipos analíticos de capitalismo servem para ressaltar diferentes aspectos de situações históricas, elas mesmas bastante fluidas. A singularidade do *capitalismo industrial moderno* consiste no fato de que uma estrutura específica de *produção* surge e é ampliada a expensas de unidades de produção pré-capitalista. Essa estrutura de produção tem suas condições legais, políticas e ideológicas, mas não obstante é historicamente singular. Baseia-se na organização do trabalho, anteriormente livre, e na organização da fábrica fixa. O dono da fábrica opera com risco próprio e produz mercadorias para mercados competitivos e anônimos. Suas operações são habitualmente controladas racionalmente por um constante equilíbrio de custos e rendimentos. Todos os elementos, inclusive seus próprios serviços empresariais, são contabilizados como itens no equilíbrio de suas contas.

Como Marx, insiste em localizar a unidade institucional básica do moderno capitalismo na produção, ao invés de localizá-la no comércio ou finanças. Um sistema de capitalismo cresce dessas unidades de produção e atravessa várias fases históricas; em sua etapa mais elevada, caracteriza-se pela separação da propriedade e administração e o financiamento de empresas pelas vendas, ao público, de quotas nos possíveis lucros das operações futuras. Weber aceita, para essa fase final do capitalismo, a expressão de Sombart, "Alto Capitalismo".

Ao contrário de Marx, porém, Weber não se interessa em investigar os problemas da dinâmica capitalista. O problema do ciclo econômico e da crise capitalista, essenciais à caracteriza-

ção que Marx faz do capitalismo como “uma anarquia da produção”, pouca importância tem na análise de Weber. Essa omissão influi na concepção da racionalidade na sociedade moderna, tal como Weber a formula. Para Marx, os elementos racionais da sociedade eram os meios que serviam a elementos incontrolados e irracionais, aos quais, porém, se opunha cada vez mais. Para Weber, o capitalismo é a forma mais elevada de operações racionais, implementada, não obstante, por duas irracionalidades: os resquícios de uma atitude de fundamento religioso, o impulso irracional pelo trabalho contínuo; e o socialismo moderno, visto como a “utopia” daqueles que não podem tolerar o que lhes parece ser a injustiça insensata de uma ordem econômica que os torna dependentes dos empresários possuidores de propriedades. Consciente das pressões institucionais do capitalismo moderno, Weber, a essa altura, está pronto a utilizar a categoria das totalidades sociais como “estruturas operantes”. Uma vez na sela, o capitalismo deixa de precisar de motivos religiosos.

Na teoria sociológica, uma teoria “subjetiva” da estratificação do capitalismo opôs-se, com frequência, à teoria “objetiva”. Os economistas clássicos ingleses, destacadamente Ricardo, bem como Marx, representavam a teoria objetiva, definindo “classe” em termos de rendas tipicamente repetidas: arrendamento, lucro, salário. Assim, para eles, o dono de terras, o empresário e o trabalhador constituem a estrutura de classes. Não importa se esses agentes se consideram bretões, montanhese, ou qualquer outra coisa; suas posições de classe são rigorosamente localizadas pelo seu lugar e função dentro da ordem econômica objetiva. Marx, aderindo a essa tradição, acrescentou um aspecto histórico ressaltando a natureza especificamente moderna das classes burguesas e proletárias.

As teorias subjetivas de classe, por sua vez, deram grande ênfase aos traços psiquiátricos dos “membros das classes”. Os defensores dessa teoria subjetiva mostraram-se ansiosos em falar do “quarto estado” como se este surgisse lado a lado com os estados mais antigos. Concepções de respeitabilidade e honra social, elementos descritivos de opiniões políticas e religiosas, e sentimentos ligados aos modos de vida local e regional substituem a abordagem rigorosamente teórica dos economistas. Coube a Moeller van den Bruck, autor de *O Terceiro Reich*, levar a teoria subjetiva de classes ao absurdo: “Ele é um proletário que deseja considerar-se como proletário. A consciência

proletária faz do homem um proletário, não a máquina, não a mecanização do trabalho, não a dependência salarial do modo capitalista de produção”.²¹

Max Weber não se inclina a permitir que o homem supere destino econômico difícil pela acrobacia da vontade de poder. As situações de classe são determinadas pelas relações do mercado; em última análise, remontam às diferenças entre os que possuem propriedades e os que não as possuem. Concorde, assim, com a escola objetiva na ênfase sobre a ordem econômica e a distinção rigorosa entre posições caracterizadas objetivamente e uma variedade de atitudes inconstantes e subjetivas que *podem* relacionar-se com essas posições.

Ao localizar o problema da classe no mercado e nos fluxos de renda e propriedade, Weber se volta para a produção e sua unidade moderna, a empresa capitalista. Dispõe-se a reconhecer o que deve a Marx pela sua percepção da natureza histórica da moderna estrutura de classes. Somente quando opiniões subjetivas podem ser atribuídas a homens numa situação objetiva de classe, fala Weber da “consciência de classe”; e quando focaliza problemas de “convencões”, “estilos de vida”, de atitudes ocupacionais, prefere falar de prestígios ou de “grupos de *status*”. Esses últimos problemas, decerto, relacionam-se com o consumo que, na verdade, depende da renda derivada da produção ou da propriedade, mas que vai além dessa esfera. Estabelecendo uma distinção clara entre *classe* e *status*, e diferenciando entre tipos de classe e tipos de grupos de *status*, Weber pode tornar mais claros os problemas de estratificação, em proporções que até agora não foram superadas.*

6. AS CONDIÇÕES DE LIBERDADE E A IMAGEM DO HOMEM

O hábito da moderna *intelligentsia* política de disfarçar as aspirações de seus partidos sob a necessidade histórica, e de apresentar tais formulações com a dramaticidade da “necessidade férrea”, é característica do conservantismo como também do marxismo. Em ambos os casos o conceito de liberdade segue-se ao “*Fata nolentem trahunt, volentem ducunt*”. (Os fados arrastam os que não querem e levam os que querem) de Hegel.

* Ver capítulo VII, “Classe, Estamento, Partido”, para a sua análise.